

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

1 – Mundo

1.1 – Produção Mundial

A cultura do fumo é bastante expressiva em vários países do mundo, movimenta uma cadeia produtiva com altos valores e enfrenta uma forte pressão por parte dos órgãos ligados à saúde pública. Assim surgiu a Convenção Quadro, criada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, na cidade de Genebra na Suíça. Esse instrumento de Política Pública, da qual o Brasil é membro efetivo, veio para dar suporte às diversas iniciativas que os órgãos governamentais estão implementando para reduzir o uso do tabaco e seus malefícios a saúde humana.

Segundo a organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, a produção mundial de fumo havia se estabilizado nos 7,2 milhões de toneladas, durante um período de 7anos. Porém, a partir de 2015 observa-se que a produção mundial começou uma nítida redução. Com base nos últimos dados disponíveis para o ano de 2018, a FAO registra uma produção de 6,1 milhões de toneladas de fumo em folha. O tabaco é cultivado em 128 países, ocupa uma área de 4 milhões de hectares e apresenta uma produtividade média de 1.525 kg/ha.

Entre os principais países que cultivam o tabaco, a China continua liderando, embora tenha reduzido a sua participação de 45%, nos últimos 10 anos para 36% em 2018, assim mesmo é o maior produtor mundial de tabaco. O Brasil ocupa o segundo lugar com 12,5% a Índia 12,3% e os Estados Unidos com 4%. O Brasil ocupa o segundo lugar na produção, porém assume a liderança na exportação mundial a partir do ano de 1993. Esta liderança que já completa 27 anos e comercializando com mais países, é o resultado da excelente qualidade do tabaco brasileiro, à garantia de fornecimento e pela vantagem de o produto brasileiro

ser mais competitivo no mercado internacional. A competitividade do fumo brasileiro deve-se essencialmente ao alto nível tecnológico empregado pelos produtores, resultando em produtividade e qualidade do produto, o respeito ao meio ambiente e finalmente o custo de mão de obra mais barato se comparado principalmente aos Estados Unidos.

Na África, a cultura do tabaco vem se consolidando e possui condições favoráveis ao crescimento da produção. Entre os países africanos destacam-se o Zimbábue e Malawi, onde as condições climáticas são favoráveis e principalmente a disponibilidade de mão de obra que é abundante e pode baratear o custo de produção. Diante destas vantagens o Continente Africano aparece como promissor ao desenvolvimento da fumulicultura durante os próximos anos. (TABELA-1).]

Tabela 01 - MUNDO - Produção de fumo nos principais países, em toneladas – 2015 a 2018

Países	2015	2016	2017	2018
China	2.883.900	2.806.700	2.392.090	2.242.177
Brasil	867.300	675.500	819.000	762.266
Índia	746.700	761.300	799.960	749.907
EUA	326.200	285.100	322.100	241.870
Zimbábue	171.000	172.000	181.643	132.200
Indonésia	193.700	196.100	152.319	181.095
Paquistão	120.000	116.100	117.750	106.722
Argentina	109.100	93.600	117.154	104.093
Malawi	120.400	84.900	82.964	95.356
Turquia	75.000	70.000	80.000	80.200
Itália	52.400	48.400	46.060	59.299
Subtotal	5.614.700	5.309.900	5.172.941	4.755.185
Outros	1.370.600	1.354.300	1.328.705	1.339.690
Total	6.985.300	6.554.200	6.439.765	6.094.875

Fonte: FAO, SEAB/DERAL

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

2 – Brasil

2.1 – Produção no Brasil

A fumicultura brasileira passou por vários estágios, da rudimentar à mais alta tecnologia empregada nos três Estados do Sul sua história se registra com o descobrimento do Brasil, porém antes desta data os índios já cultivavam o tabaco e utilizavam em seus rituais religiosos. Posteriormente, no ano de 1556 os franceses e os portugueses deram continuidade ao plantio e os demais povos adotaram a cultura a partir dos séculos XVI e XVII. Contudo, a sua exploração comercial e industrial consolidou-se a partir do ano de 1918, ocasião em que foi instalada a primeira fábrica de cigarros no Brasil.

A partir desta época e com uma forte presença de descendentes europeus que já eram familiarizados com a cultura em seus países de origem, contribuíram de forma decisiva para a Região Sul se tornasse a principal produtora de tabaco brasileiro. Desta forma, os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná, são responsáveis por aproximadamente 96% da produção nacional de fumo em folha e o restante é cultivado em Alagoas, Paraíba, Bahia Ceará e São Paulo.

A fumicultura brasileira passou por vários estágios, da rudimentar à mais alta tecnologia empregada nos três Estados do Sul sua história se registra com o descobrimento do Brasil, porém antes desta data os índios já cultivavam o tabaco e utilizavam em seus rituais religiosos. Posteriormente, no ano de 1556 os franceses e os portugueses deram continuidade ao plantio e os demais povos adotaram a cultura a partir dos séculos XVI e XVII. Contudo, a sua exploração comercial e industrial consolidou-se a partir do ano de 1918, ocasião em que foi instalada a primeira fábrica de cigarros no Brasil.

No Sul, o Estado do Rio Grande do Sul se destaca com a maior produção ao longo dos anos, cuja participação é da ordem de 50%, porém na última safra reduziu para 41% devido às perdas causadas pela estiagem. Este Estado, também concentra praticamente todas as indústrias e a exportação do tabaco que é enviada para mais de 100 países. Santa Catarina participa em média de 30 da produção e o Paraná que vem apresentando crescimento contínuo, já alcançou 25% do volume produzido na safra de 2019/2020. (TABELAS – 2 e 3).

Tabela 02 - BRASIL – Principais Estados – Área, Produção e Produtividade 2019/2020

Estado	Área (ha)	Prod.	Produt. (kg/ha)	Partic. (%)
Rio G. do Sul	169.386	289.013	1.706	41
Santa Catarina	89.408	212.187	2.373	30
Paraná	71.500	175.000	2.448	25
Alagoas	14.643	18.076	1.235	3
Bahia	7.600	10.000	1.316	1
Outros	310	213	687	0
Brasil	352.847	704.489	1.997	100,0

Fonte: IBGE/SEAB/DERAL, 2020.

2.2 – Exportações Brasileiras

A produção brasileira de fumo se destina basicamente para a exportação e já atinge mais de 100 países. No ranking internacional o Brasil é o segundo produtor, sendo superado pela China, porém é o primeiro no volume das exportações a partir do ano de 1993. Do total produzido, cerca de 85 a 90% é destinado ao mercado externo e os maiores volumes são comercializados com os países da União Europeia, Extremo Oriente e a América do Norte, podendo chegar próximo a 80%. Já em menores quantidades o fumo brasileiro é exportado

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

para o Leste Europeu, Oriente Médio e para a América Latina.

Em função da pandemia causada pelo Coronavírus que afetou todos os países do mundo e a pressão da Organização Mundial de Saúde – OMS em reduzir o uso do tabaco, a tendência para os próximos anos é de queda nas exportações. Aliás, este comportamento de redução nos volumes exportados já pode ser observado durante os últimos 5 anos que a quantidade de fumo vendida para o exterior ficou abaixo de 500 mil toneladas. (TABELA – 3 e GRÁFICO – 1).

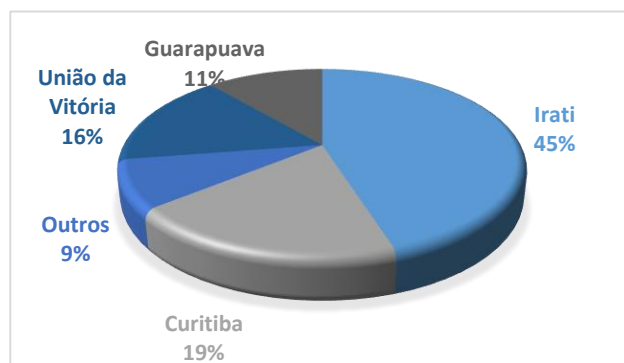
Tabela 03 - BRASIL – Evolução das exportações de Fumo 2011 a 2020*

Anos	Quantidade (1000t)	Valor (Milhões US\$/FOB)	Valor (US\$/kg)
2011	541	2.891	5,34
2012	633	3.211	5,07
2013	624	3.240	5,19
2014	476	2.500	5,25
2015	516	2.186	4,24
2016	483	2.123	4,40
2017	462	2.092	4,53
2018	461	1.989	4,32
2019	552	2.143	3,88
2020*	348	1.122	3,22

Fonte: CECEX, SEAB/DERAL, 2020.

*Até o mês de Setembro/2020

Gráfico 01 - BRASIL – Principais importadores do fumo brasileiro.



Fonte: MDIC/SECEX, SINDITABACO, 2020.

3 – Paraná

3.1 – Produção

No Paraná a fumicultura integrada às indústrias e com um grau tecnológico mais elevado começou no final da década dos anos 60. Anteriormente produzia-se fumo em pequena escala, com pouca tecnologia, baixa produtividade e o preparo do produto final era elaborado artesanalmente. Com a vinda das empresas, os produtores passaram a fazer parte da integração, as áreas foram aumentando e a produção destinada às indústrias que utilizavam o tabaco tanto na fabricação de cigarros e principalmente para a exportação.

A partir de 1999 com o surgimento da Convenção Quadro, que veio para coibir ou reduzir o uso do tabagismo no mundo, começava a preocupação com o futuro desta cultura. O Paraná foi um dos primeiros a iniciar os movimentos com o objetivo de reduzir ou até substituir o plantio de fumo por outras culturas. Entretanto apesar dos esforços de várias entidades ligadas à saúde pública no combate ao uso do tabagismo, no Paraná se observou um crescimento contínuo na área de plantio. A produção paranaense de tabaco ocupa o 3º lugar no ranking nacional e a sua taxa de crescimento é contínua durante os últimos 15 anos.

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

Este crescimento ocorreu pelo aumento na área de plantio e também pela melhoria das produtividades obtidas nas últimas safras. Neste período a participação paranaense passou de pouco mais de 12% para cerca de 25% da produção brasileira, na safra de 2019/2020. Os maiores aumentos de plantio foram registrados nas propriedades com maior número de pessoas, uma vez que praticamente todas as etapas são manuais e exigiu grande quantidade de mão de obra. Na última safra foram cultivados 71.500 hectares e utilizou-se o coeficiente de 0,7 homem / ha, a atividade gerou no campo cerca de 50.000 empregos durante todo seu ciclo.

Atualmente, está em curso o Projeto de Diversificação nas Áreas de Tabaco nos 16 maiores municípios produtores no Paraná. Este trabalho é coordenado pelos técnicos do Instituto de Desenvolvimento Rural – IDR e contempla 1.180 famílias. O trabalho foi iniciado em 02 de janeiro de 2019 com previsão de término para 31 de dezembro de 2020. Apesar das dificuldades na implantação de uma nova atividade, os técnicos estão incentivando a olericultura, a fruticultura, os grãos, o leite e a erva-mate. Nos últimos anos observou-se um aumento na área de fumo e um pequeno recuo no número de famílias envolvidas com esta atividade. Isto demonstra uma tendência de as empresas contratarem às famílias com maior número de pessoas, uma vez que o cultivo de tabaco demanda uma grande quantidade de mão de obra, durante todo o seu ciclo.

A produção de fumo se concentra na Região Sul do Paraná, com destaque nos Núcleos Regionais de Irati, Ponta Grossa, Curitiba, União da Vitória e Guarapuava, que foram responsáveis por 83% na safra de 2019/2020. Nestes Núcleos ou na Região Sul predomina o fumo de estufa, enquanto no Oeste e Sudoeste são produzidas variedades de galpão,

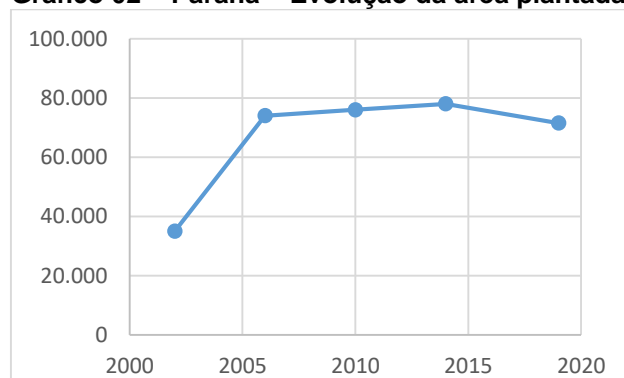
cuja diferença está na secagem das folhas pós colheita. O fumo de estufa é colhido em diversas vezes, geralmente com 2 ou 3 folhas por pé e a sua secagem é realizada com o calor da queima com lenha. Já o fumo de galpão é colhido em uma única vez, que consiste no corte do pé e em seguida levado ao galpão onde se processa a secagem naturalmente. (TABELA -4) (GRÁFICO 2 e 3).

Tabela 04 – Paraná - Área e Produção nos Principais Núcleos Regionais - 2019/2020 e 2020/2021

Núcleos Regionais	Safr 19/20		Safr 19/20		Variação B/A (%)
	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)	
Irati	22.300	52.300	19.500	44.850	26,2
Ponta Grossa	19.600	49.000	17.800	44.500	9,2
Curitiba	9.400	23.680	9.100	23.570	3,2
União da Vitória	8.000	16.000	7.500	16.100	6,3
Guarapuava	5.600	14.600	4.700	12.570	16,1
cascavel	2.400	5.160	1.700	3.660	29,2
Lar. do Sul	1.760	4.200	1.760	4.400	0,0
Fran. Beltrão	1.150	2.900	1.130	2.700	1,7
Outros	1.290	6.260	1.550	3.050	20,2
Total	71.500	174.100	64.740	155.400	9,5

Fonte: SEAB/DERAL, 2020.

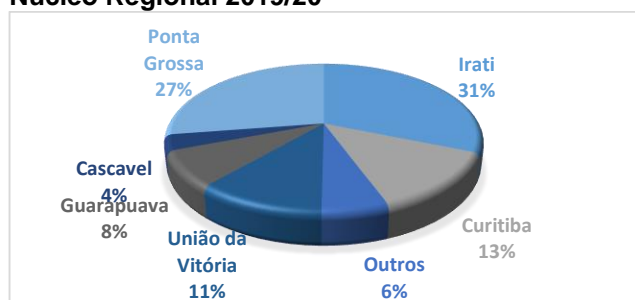
Gráfico 02 – Paraná – Evolução da área plantada



Fonte: SEAB/DERAL, 2020.

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

Gráfico 03 – Paraná – Área e participação por Núcleo Regional 2019/20



Fonte: SEAB/DERAL, 2020.

3.2 – Preços

A sistemática da formação dos preços do tabaco difere dos demais produtos agrícolas, uma vez que o valor atribuído as diversas classes são discutidas em todas as safras no início da colheita. A metodologia aplicada é a mesma de muitos anos, que consiste em ampla discussão entre os órgãos que representam os produtores e o setor industrial. Costumeiramente a partir do mês de dezembro, a Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA e as Federações dos produtores se reúnem com o SINDITABACO e as indústrias para elaborar a nova tabela de preços.

A metodologia preconizada consiste na variação do custo de produção comparada à safra anterior, o comportamento cambial uma vez que cerca de 85% da produção é exportada para outros países e o tamanho dos estoques remanescentes. A sistemática consiste na assinatura do protocolo, quando as entidades representantes dos produtores e das indústrias chegam ao acordo. Caso contrário não é celebrada a assinatura do protocolo, porém se estabelece um valor, geralmente, maior que determinada indústria oferece.

No ano de 2019, os produtores já não ficaram satisfeitos com a comercialização, pois o preço médio situou-se em R\$ 8,73/kg contra R\$ 9,07 em 2018. Mas a situação da safra atual de 2019/20

acumula um preço médio de apenas R\$ 8,50 / kg. Esta situação de baixos preços já causou um forte desânimo aos produtores que pelo segundo ano viram seus resultados financeiros sendo reduzidos. Porém, mais problema surgiu na presente safra de 2019/20 que é uma produção acima da expectativa e o mercado está com dificuldade em absorvê-la.

O clima na última safra foi excepcional para a cultura do tabaco, no Paraná, o que resultou em excelentes produtividades e no aumento da produção. Na sequência veio a Pandemia, provocada pelo Coronavírus – COVID-19, logo no início da comercialização, o que provocou atraso de recebimento do produto pelas indústrias. Acredita-se que a morosidade no escoamento da produção tenha protelado a comercialização por um período superior a um mês.

Este final de comercialização da safra 2019/2020 está bastante conturbado, pois além dos preços baixos, muitos produtores estão se queixando que tem sobras de produto e as indústrias não estão absorvendo. Neste sentido já foram realizadas várias reuniões on-line devida à Pandemia, com o intuito de se achar uma solução, porém está muito difícil as empresas comprarem além do que está no contrato.

O menor preço no ano de 2020 foi registrado no mês de fevereiro com R\$ 117,89 / arroba de fumo em folha e o maior de R\$ 130,00 o que é bastante baixo se comparado aos anos anteriores, como no caso de 2016 quando o preço médio anual alcançou R\$ 139,15 / arroba. De uma forma geral, os preços da atual safra de 2019/20 estão bastante baixos, a comercialização, em função da pandemia, se estendendo durante o mês de agosto e, ainda, alguns produtores com as sobras de fumo sem perspectiva de vendê-lo.

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

3.3 – Prognóstico

A fumicultura de maior extensão, com mais tecnologia e a integração às indústrias teve o seu início no final dos anos 60 e início da década de 70. A partir deste período iniciava-se uma produção em maior escala e com normas estabelecidas pelas indústrias e seus produtores integrados. Esta atividade muito bem organizada vem exercendo um papel fundamental na manutenção das pequenas propriedades gerando uma renda capaz de manter o homem no campo, mesmo com reduzido tamanho de sua terra.

Segundo a opinião dos produtores, esta integração foi o caminho do sucesso da fumicultura ao longo das últimas 5 décadas. Este sistema de integração possibilitou aos produtores o acesso às novas tecnologias que sem dúvida transformaram a atividade expressivamente mais rentável se comparando aos demais produtos. Dentre as principais vantagens da integração destacam-se:

- a) O aval do custeio das lavouras que as indústrias assumem junto aos bancos;
- b) O fornecimento dos insumos aos produtores nas suas propriedades;
- c) A assistência técnica personalizada, principalmente no início do processo de integração;
- d) A garantia de compra de toda a produção estabelecida no contrato e;
- e) O pagamento aos produtores em até 4 dias úteis.

Entretanto, a última safra de 2019/2020 que foi um sucesso absoluto em termos de produção, tornou-se na maior problemática em termos de comercialização. A produtividade foi excelente com 2.465/ha, a maior já alcançada em nosso Estado, porém segundo as indústrias a qualidade, por motivos diversos, não foi satisfatória. Com uma produção de 175.000 toneladas de fumo em folha, a comercialização que normalmente se encerrava em

meados de julho, já se prolonga até a 2ª quinzena do mês de agosto.

A Pandemia provocada pelo Coronavírus COVID-19, afetou a comercialização durante a maioria dos meses. As indústrias foram obrigadas a implantar as restrições a aglomeração dos funcionários e isso resultou em atraso no recebimento. Por outro lado, as exportações também se restringiram, falta de voos, fronteiras fechadas e tudo isso culminou em uma forte queda nos preços e até significativas sobras de fumo nas propriedades. A Pandemia do Coronavírus traz ainda mais alerta com relação ao consumo de cigarros no mundo, pois segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, é bem provável que as pessoas reduzam o uso de tabagismo, diante dos malefícios que o vício traz à saúde e a preocupação com a nova doença respiratória.

Diante da atual conjuntura que a atividade está atravessando, a melhor alternativa para a próxima safra de 2020/21 seria uma redução na área de plantio, até como saída para os estoques que se formaram ao longo de 2020. Assim sendo, os primeiros levantamentos realizados pelos técnicos do Departamento de Economia Rural – DERAL indicam uma área de 64.740 ha e uma produção de 155.400 toneladas de fumo em folha. Isto em relação à safra do ano passado, representando uma redução de 9,5% na área que será plantada e de 10,7% na produção que deverá ser obtida na próxima colheita.

4 – Referência Bibliográfica

- AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil <https://afubra.com.br/>

- FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura <http://www.fao.org/brasil/pt/>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - <https://www.ibge.gov.br/>

Prognóstico Cultura FUMO - Novembro de 2020

- Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços -

<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior>

- DERAL/SEAB, Previsão de Safras, Disponível em:

<http://www.agricultura.pr.gov.br/deral/safras>